Os Garimpos do Abaeté

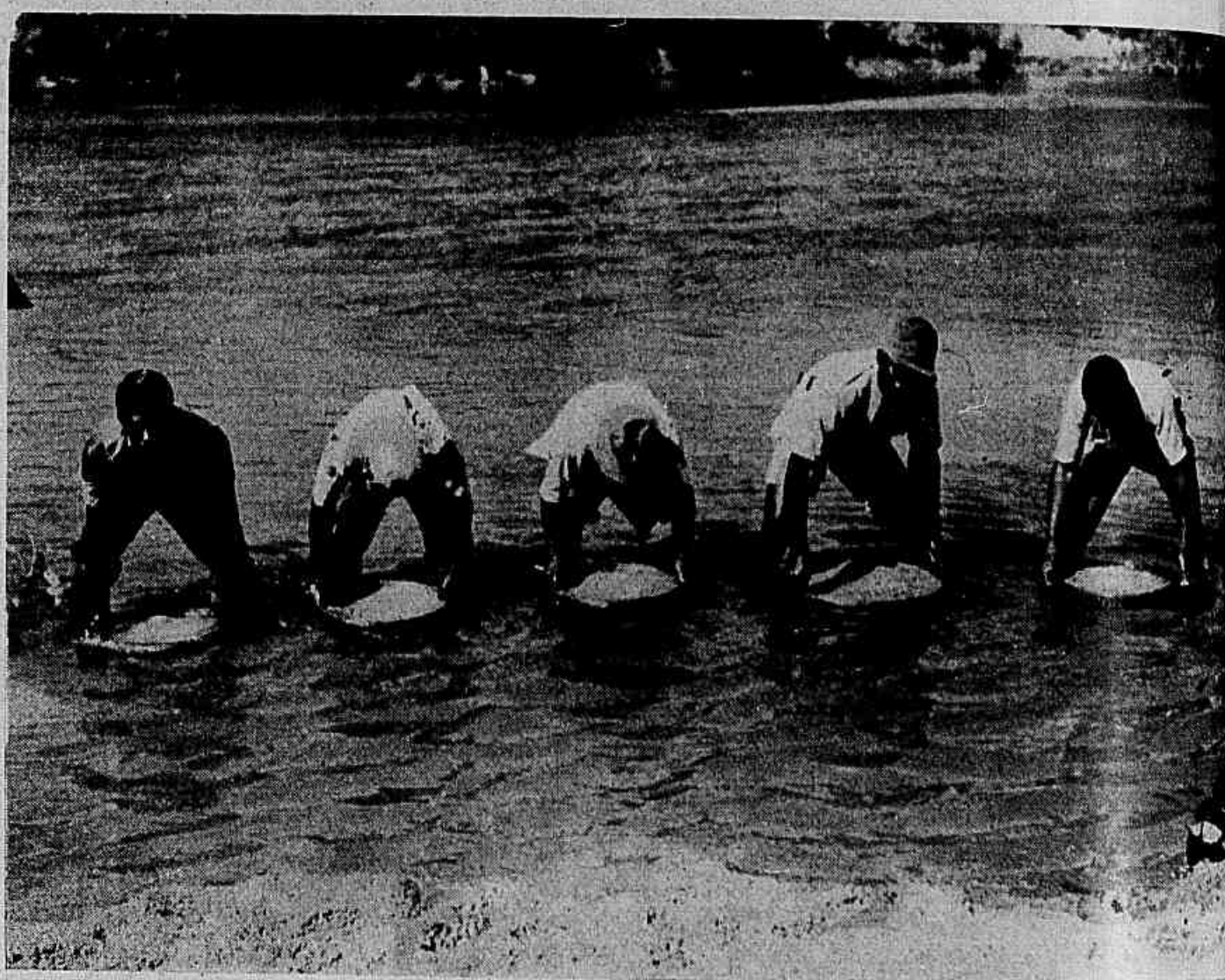
Oswaldo Alves

O OBSERVADOR tem publicado vários artigos sôbre a questão do diamante. Os seus autores estudam o diamante do ponto de vista econômico, como uma das maiores fontes de riqueza do País e o aspecto emaranhado e sutil da sua política ligada, quase sempre, a poderosas organizações que se infiltram no mundo inteiro. As indústrias diamantárias, para as quais canalizam-se os diamantes de todo o mundo, os *trusts* comerciais, as grandes possibilidades que tem o Brasil na exportação da pedra preciosa, — tudo isso tem sido amplamente divulgado, fundando-se os conceitos emitidos em dados estatísticos seguros e em sérios estudos.

Não há dúvida, entretanto, de que a parte que diz respeito à vida de milhares de pessoas que enfrentam toda série de dificuldades nas margens dos rios diamantários, também merece a atenção dos que se interessam pelo assunto. O modo de viver e o sistema de trabalho dos garimpeiros, a grande esperança que se acumula nos montes de cascalho, contém, certamente, aspectos desconhecidos. Por outro lado, essa face do assunto apresenta muitas falhas que pódem ser facilmente sanadas pelo govêrno.

Muito lucraria o diamante brasileiro com a visita de uma comissão de técnicos que, fazendo uma viagem até Tiros e a outros municípios diamantíferos, entrasse pelos *trilhos* mal cortados e descesse às margens dos rios Abaeté, Indaiá, Borrachudo, Sono e outros. Os técnicos veriam muita coisa que os espantaria. Veriam como uma gente simples, empregando métodos e material rudimentares, consegue fazer trabalhos extraordinários onde se patenteiam o arrôjo e a tenacidade. As *viradas* que se podem ver ao longo do Abaeté e do Indaiá, desde a foz à nascente, revelam a luta do homem rude em busca da fortuna. Muitas estão, hoje, servindo de ligação entre os municípios.

O TRABALHO NA "GRUPIARA" IN[illegible]IA-SE COM O DESMONTE DAS ELEVAÇÕES PRÓXIMAS DO RIO

Êstes aspectos são ainda inexplorados. Hermano Ribeiro escreveu uma série de reportagens sôbre garimpos da Baía e de Goiaz, além do seu interessante livro *Garimpos de Mato Grosso*. Em Minas, afora algumas notas sôbre Diamantina e algumas reportagens sem côr, sôbre os últimos diamantes extraídos em Coromandel, — onde ressalta a ignorância do assunto, — pouco se tem escrito. Diamantina já não é o fóco do diamante, em Minas.

Os "MEIA-PRAÇAS" LAVAM O CASCALHO

Atualmente, os grandes garimpos estão nas margens dos rios São Bento, Indaiá, Abaeté, Borrachudo e outros. E' aí que encontramos milhares de pessoas, num trabalho insano, fora da civilização, procurando a fortuna. E' aí, principalmente nas margens do Abaeté, — umas vezes pródigo, outras vezes caprichosamente avaro, — que se tem visto fazerem-se, de um dia para outro, fortunas imensas.

O RIO INDAIA'

Êste rio é procurado de preferência pelos garimpeiros que não dispõem de muito recurso. As suas *grupiaras*, o seu leito, compensam sempre o trabalho, mas ainda não houve, ao que parece, um caso de grande diamante extraído neste rio. Há, entre os garimpeiros, a crença de que o Indaiá "não queima cascalho", isto é: qualquer esfôrço é compensado, embora as pedras sejam ordinariamente pequenas. São as chamadas *fazendas finas*. Neste rio o garimpeiro não enriquece, mas, também, não perde o seu tempo e sente que está assegurada a sua subsistência. Há casos como o de um comprador de diamantes, do município de Tiros, que, associado a um garimpeiro, fez uma *virada* um pouco abaixo do lugar denominado Porto dos

NOS MONTES DE CASCALHO RESIDE A GRANDE ESPERANÇA DO GARIMPEIRO

Pintores, em que gastou cêrca de oito contos de réis. Virado o curso do rio, aproveitando um braço de ilha, secaram mais de 300 metros e retiraram daí 1.600 carros de cascalho que, apurados, só deram 13 diamantezinhos insignificantes, vendidos por 1:100$000! Perderam-se oito mêses de serviço, muito dinheiro e desbaratou-se a esperança que toda a região tinha naquela famosa "cachoeira".

O RIO BORRACHUDO

O Borrachudo é chamado pelos garimpeiros o rio traiçoeiro. Animado constantemente pela abundância das *fôrmas,* o garimpeiro redobra o seu esfôrço na esperança louca de encontrar a pedra. Esquece-se da vida e gasta o pouco que possue. Mas, à medida que as *fôrmas* aumentam, a esperança vai diminuindo. Ao cabo de um ano inteiro de lutas e de fadigas, são recolhidas milhares de *fôrmas,* mas quase nunca o diamante.

TIROS E COROMANDEL

Coromandel é, atualmente, um reduto de garimpeiros. O seu comércio desenvolve-se de maneira espantosa e a afluência de garimpeiros de todas as regiões para essa cidade, melhorou-a grandemente, fazendo dela uma rival de Tiros que se viu quase despida de sua fama. E' provável que Tiros não seja mais o que foi há cinco anos; mas, o prestígio do rio Abaeté não diminuiu. A sua fama continua a espalhar-se e para as suas *grupiaras,* ou para o trabalho em seu leito, não cessa de descer gente de todos os Estados. Foi aí que vimos os garimpos de diamantes pela primeira vez e entrámos em contacto com os garimpeiros.

AQUI FOI O LEITO DO RIO. AGORA O DIAMANTE É PROCURADO ANCIOSAMENTE

O VALE DO ABAETE' E AS VIRADAS

O Abaeté não é um grande rio. Em muitos lugares, não mede mais de 10 metros de largura, embora em certos trechos atinja 100 metros. Os trechos mais largos, em que geralmente há ilhas e cachoeiras, são utilizados para as *viradas,* — a grande esperança dos que possuem recursos para fazê-las.

LAVANDO O CASCALHO É QUE SE PODE ENCONTRAR O DIAMANTE CAPAZ DE TRAZER A FORTUNA

Estudadas as possibilidades, analisadas as condições do terreno, observado o *jôgo* do rio (existe a crença de que os rios mudam de curso), começa o trabalho de barragem, sómente ordenado depois que se tem quase certeza de enriquecer. Para êsse trabalho pesado, que requer uma energia enorme, o garimpeiro conta com a prática de longos anos. Um pouco acima do lugar escolhido para fazer a barragem, torna-se necessário construir o *matame,* — uma cêrca de páus grossos e quase juntos, que vai até ao meio do rio e cuja finalidade é diminuir a fôrça da água, possibilitando o trabalho. À medida que se aproxima o centro do rio, colocam-se estacas fortes, ligadas umas às outras, no fundo, — serviço que é feito a mergulho. E assim, até à ponta da ilha onde se deverá ligar a barragem que vai secar aquele lado, numa extensão tão grande quanto o comprimento da ilha aproveitada. O tempo gasto no serviço é, também, de muita importância. Assistimos à secagem de uma extensão de 300 metros em menos de uma hora, num serviço que exigiu doze dias, sem descanso, pois não se póde parar o trabalho iniciado.

O comprimento desta barragem, desde a margem até à ilha, era de 200 metros.

Depois de sêca a parte desejada, começa a extração do cascalho que, em geral, é levado para a ilha. Êste serviço também é feito de uma só vez. No aproveitamento do cascalho da parte sêca, entram, além do dono do serviço, os *meias-praças* e os que pagam percentagem. Os *meias-praças* são indivíduos que entram apenas com o seu trabalho e experiência, recebendo do dono da barragem comida e material e dividindo depois o produto da pesquisa. Antigamente, quem fazia uma barragem tinha o direito de deixar que nela trabalhasse quem quizesse, mediante o pagamento da percentagem de 20% sôbre o valor da pedra encontrada.

O TRABALHO NAS GRUPIARAS

Em geral, o trabalho nos leitos dos rios é feito por ocasião da sêca, quando estão razos, tornando-se, portanto, mais fácil a construção da barragem. São as *viradas*. Vejamos agora o sistema das *grupiaras*. *Grupiaras* são as lavras de diamantes, à margem dos rios, variando entre 50 e 300 metros a distância do leito até elas. São, geralmente, pequenos morros, encostas, ou bases de morros.

Estudado o terreno, constatados sinais de existência do diamante, começam-se os desmontes. Limpa-se o terreno na extensão desejada, remove-se a terra fôfa de cima, até dar no cascalho. Abre-se aí uma boca de serviço até chegar a uma outra camada de terra fôfa, — pissarra, — que é naturalmente o fim do cascalho. Retira-se, nesta altura, todo o cascalho que se desejar, amontoando-o ao lado, num terreno limpo e especialmente preparado para êsse fim. Daí o cascalho é levado em carros para a beira do rio, onde se inicia a apuração. Antes, porém, há o processo de *desengomar* o cascalho, deixando-o puro para a lavagem.

E' um serviço penoso, — o mais duro da garimpagem, — êsse de tirar toda a terra do cascalho, até deixá-lo limpo, no ponto de entrar para as peneiras. O uso de *bateias* foi abolido, há muitos anos, no rio Abaeté. Para *desengomar* é necessário o uso de uma espécie de *canoa*, com entrada livre para a água e saída para o barro. As *canoas* são ligeiramente inclinadas, de modo que, ao cair a água, forma-se um *fervedouro*, onde se juntam as pedras mais pesadas, entre elas o diamante — a mais pesada de todas. Para êste serviço, emprega-se, ainda, uma enxada apropriada, presa ao ombro, que torna o trabalho muito mais penoso, exigindo o máximo de esfôrço do trabalhador.

A VIDA NOS GARIMPOS

No amontoamento do cascalho reside a grande esperança do garimpeiro, esperança que se anima cada vez mais para só acabar no momento em que êle debruça sôbre a *jaóba* a última peneira. A apuração, serviço tão grande e penoso como os demais e onde culminam todas as esperanças, é feita por pessoas de recurso, com peneiras de arame, grossas e finas, das seis às seis horas. Muitos ficam ricos, muitos perdem-se.

O garimpo, hoje, não é um jôgo como se pensava antigamente. Já se foi o tempo em que o garimpeiro era tido como indivíduo dado a aventuras, incapaz para o trabalho. Capitais enormes são empatados, salários vantajosos são pagos.

Não é qualquer um que póde resistir à brutalidade do serviço. O garimpeiro tem de ser forte, porque o gênero menos pesado de trabalho que lhe está reservado é pegar na picareta e cavar a terra o dia inteiro. Mas, não é o trabalho a maior dificuldade; o garimpeiro só se arrisca à tarefa quando se julga convenientemente forte.

A maior tristeza do garimpo, o que o torna extremamente duro, é a condição de vida. Há garimpos afastados, onde não se encontra nada para comprar, ainda mesmo que se ofereça uma fortuna. Há regiões onde se póde viajar o dia inteiro sem encontrar uma porteira. Os raros caboclos que se encontram por estas paragens, habituados a viver livremente, sem esfôrço e sem preocupações, tiram da própria natureza o que necessitam para viver. Pescam, caçam, tiram nas matas os palmitos que abundam, e não pensam em criar um pôrco ou em plantar uma horta. Quando não pódem prescindir de um quilo de toucinho, viajam oito léguas, ou mais, para conseguí-lo. Em compensação, criam galinhas bravas, espalhadas pelos vastos campos, que se multiplicam ainda mais porque o caboclo não se interessa em procurar os ovos. Os que encontra nas imediações do rancho, excedem às necessidades do consumo.

Todo o vale do Abaeté está cheio de garimpeiros, a despeito das duras condições de vida dessa região. Os mais arrojados enfrentam o desconfôrto, e, ao longo do rio, vão armando os seus ranchos.

Contrastando com estas regiões, existem, em Mato Grosso, as célebres *Currutelas*, pequenas cidades nas zonas de garimpos, onde se póde viver senão com confôrto, ao menos de maneira menos dolorosa, cujas casas todas são cobertas de palmas. Nestas cabanas encontra-se de tudo: desde o mais fino corte de seda até à chita de $600; casas de jôgo; cinemas; mulheres; champanha. O garimpeiro não mede para gastar.

Em Minas não existem ainda dessas cidades, mas há garimpos povoados, como o Limão, as *grupiaras* do Severo, a seis léguas de Tiros. Em 1935, viviam aí cêrca de 500 pessoas, em trabalhos de garimpagem de várias espécies. Mas é preciso notar que sómente em 1927 começou, em Minas, o interêsse pelo garimpo. Até essa época um ou outro indivíduo se arriscava a sair de sua terra para tentar a fortuna nos garimpos mineiros. Ninguem empregava dinheiro em um negócio que parecia extremamente aleatório. Hoje, porém, todos acreditam nele e há capitalistas que emprestam dinheiro para explorações de garimpos. Em 1927, o garimpo já constituia uma profissão como qualquer outra, em Mato Grosso.

E' muito curioso o sabor de mistério que existe em tôrno do diamante, bem como as crendices e as lendas das regiões diamantíferas. Todo o bom garimpeiro tem as suas manias. Na noite em que sonha com uma estrêla, espera com certeza absoluta o diamante...

Não há, positivamente, um garimpeiro preguiçoso e a solidariedade entre êles é uma realidade. Divide-se o único quilo de toucinho que existe no rancho, com aquele que necessitar. A confiança é quase absoluta e um garimpeiro não póde acreditar em ser lesado por um colega. *Meias-praças* trabalham sozinhos o ano inteiro, longe da vista dos patrões, que cegamente neles confiam e esperam, sem receio, que êles venham trazer a pedra que sair do trabalho. Só há uma espécie de astúcia, — no jargão da terra se diz: tratantagem, — que o garimpeiro não se peja de fazer: lesar o dono do terreno na percentagem. Se vende um diamante por vinte contos, entra em combinações com o comprador e alega que o vendeu por dez, daí resultando que reduz a 10% a comissão normal de 20%. O serviço no leito não está sujeito a percentagens; antigamente, um diamante extraído no leito do rio, era livre de qualquer

taxa. Hoje, prevalece o regime instituido com o Código de Minas.

O VALOR DO DIAMANTE

O diamante é uma pedra inconfundível. Mesmo aqueles que nunca o viram, não se enganariam ao achá-lo. Enquanto se é novato, — *curáo*, como dizem os veteranos, — ao debruçar a peneira, fica-se catando pedra por pedra com medo de perder o diamante. Não é raro o indivíduo que enche os bolsos de *pedrinhas que brilham*, para depois, discretamente, submetê-las ao exame de um colega. Mas, mesmo o *curáo*, ao surgir um diamante no meio de centenas de pequenos cristais, ou pingos-dágua, retira-o imediatamente, reconhece-o e pretende saber logo quanto vale. O diamante tem um brilho de aço, de coisa engordurada, diferente de todas as outras pedras e a própria configuração é diferente.

Todo garimpeiro julga-se conhecedor do diamante relativamente à qualidade e ao preço, quando, em verdade, só os judeus o conhecem. E' um monopólio deles e só êles avaliam exatamente quanto vale uma pedra. E' comum ouvir-se o garimpeiro discutir a qualidade do diamante e, coisa curiosa, não poucos carregam no bolso notas novas de quinhentos mil réis e falam em florim. Mas, uma das coisas mais difíceis de conhecer com precisão é o diamante. Não é só saber o valor exato, mas, também, a qualidade. Nisto está implícita uma série de pequenas coisas que só os anos de prática, ou o contacto com as organizações de que se falou nos números anteriores do O OBSERVADOR, se póde conhecer. Basta frisar que um diamante de 20 quilates póde valer de dois a cem contos, de acôrdo com a sua qualidade. O garimpeiro olha-o na sua lente, estuda-o, faz cálculos, e acaba vendendo-o por preço muito inferior ao que pediria, se, realmente, o conhecesse. Sendo o que mais trabalha, o que mais se esforça, é quem menores recompensas obtém no negócio. Para êste ponto, seria de muita vantagem voltar o govêrno as suas vistas.

Um garimpeiro tirou um diamante numa *grupiara* perto de Tiros e vendeu-o, no mesmo dia, por dezeseis contos. O comprador vendeu-o, no dia seguinte, por sessenta; quem o comprou por sessenta, vendeu-o imediatamente por cento e oitenta. Êste último comprador é um judeu para quem se juntava toda a *safra* de diamantes da região, cujo prestígio está hoje bem diminuido. Sómente o judeu sabia o valor exato da pedra.

Caso curioso foi o de um senhor que, há apenas quatro anos coletor, ganhou mais de cinco mil contos numa só pedra. Um outro, o maior comprador de diamantes de Tiros, dono de imensa fortuna, ganha em pouco tempo, confessa que, ao começar os negócios, "jogava com a sorte", e ainda hoje só conhece o valor aproximado do diamante.

O diamante vale de acôrdo com a côr, a cristalização, a configuração e o tamanho. Conhecer o mais insignificante detalhe, — a côr, — é um problema. Uma pedra que parece, à primeira vista, branca, — e, por isso mesmo, valerá uma fortuna, — é de côr e não valerá nada. O diamante corado é um *bluff*. Entretanto, um diamante côr-de-rosa, ou lilás, é considerado uma raridade, valendo, assim, o dôbro. Há o *vermelho-rubí*, também de muito valor, e o *vermelho-brasa*, que pouco vale. Os chamados diamantes corados: *canário*, *verde-claro*, (o esmeralda é quase raridade), *azeite*, *brum*, não teem muito valor.

A cristalização também é de grande valor, assim como a configuração, para o cômputo do preço. Uma pedra cujo formato venha causar o seu esfacelamento na lapidação, mesmo sendo raridade na côr, serviria apenas para a indústria. Um diamante para valer muito, além das côres exigidas, tem que dar o máximo na lapidação. Há inúmeros outros detalhes, resultantes em outros tantos defeitos, que desvalorizam o diamante. Há a jaça, os pontos negros no centro, a que os garimpeiros dão o nome de *urubú*, há a *natura*, uma espécie de ligação na pedra, que dá a idéia de pedra *gêmea*. Tudo isto dificulta o que para os garimpeiros é o problema do valor do diamante, emprestando-lhe uma característica de mistério.

CAPRICHOS DA PROFISSÃO

O garimpo tem também os seus caprichos. Um homem que vive em Tiros, afastado do garimpo, trabalhou nove anos sem conseguir qualquer recompensa para o seu esfôrço. Lavou milhares de carros de cascalho. Fez inúmeras *viradas* ao longo do Indaiá, no Abaeté, do Borrachudo, trabalhou na nascente do São Francisco, em Coromandel, sem resultado nenhum, até abandonar de uma vez para sempre o garimpo. Ficou conhecido como o mais arrojado garimpeiro daquela região e hoje está pobre. Entretanto, um outro há que, no mesmo dia em que começou a trabalhar, tirou um diamante *lilás*, para o qual obteve o preço de quatrocentos e dezesete contos de réis. Por êsse motivo, e por outros, o garimpo dá a impressão de aventura, de jôgo com a sorte. Na verdade, porém, o serviço bem orientado, com métodos menos primários, póde ser considerado uma profissão como outra qualquer, sem prejuizo para quem se dedicar a ela, com a possibilidade de contribuir beneficamente em favor da economia nacional.